



AVE MARIA



**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM
GRAÇAS RECEBIDAS:**

ITAPETNINGA — D. Filomena Samarco, em favor de Nicola de Prisco.

PERIRICEMA — Sr. Sebastião Costa, a Nossa Senhora, em favor de Sebastião de Moura.

ATIBAIA — D. Cornelia de Barros Melo Franco, a Nossa Senhora, pela novena das "Tres Ave Marias".

SÃO PAULO — D. Maria Amália do Prado.

SÃO JOAQUIM — D. Tereza Cousoni Vidal, a Sta. Rita de Cássia, em favor de Rosa Pereira dos Reis Vidal, Maria P. Cousoni e João Cousoni.

CARMO — D. Vicentina Silveira, a Jesús, Maria e José.

SÃO JOSÉ — Uma devota, a São Judas Tadeu e a Nossa Senhora.

SÃO FRANCISCO — D. Ambrosina, ao Beato Claret.

JOINVILE — D. Maria S. Ferreira, ao Im. Coração de Maria. — D. Maria da Rocha Gonzaga.

ITAJAÍ — D. Luiza Schmidt. — D. Edit Luz Dexmann, a Nossa Senhora.

FLORIANOPOLIS — D. Luiza, a São Judas Tadeu, Padre Anchieta e Frei Fabiano de Cristo.

SÃO JOÃO NEPOMUCENO — D. Amália Knop, em favor de Plínio Furtado e Rubens Furtado. — D. Lúcia Albarello, a Nossa Senhora da Conceição.

NEVES — D. Filomena Hernandez, a Sto. Antônio e pelas almas do purgatório, em favor de Paulino A.

VARGEM GRANDE — Sr. José Ferreira Varzim, em favor de Augusto, Benedito, Elias Ferreira Varzim e Arlindo Rabelo.

CORREGO DANTA — D. Maria Júlia Azevedo, a Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. — D. Maria da Cruz Oliveira, a São Judas Tadeu.

LIVRAMENTO — D. Aida da Rosa Pereira, ao Padre Pró, em favor dos doentes. — D. Sabina Rocha, por uma graça conseguida.

SANTA LUZIA — D. Carmelia Silva da Glória, a Nossa Senhora.

BELO HORIZONTE — D. Maria Antonieta, a Sta. Teresinha.

OLÍMPIA — D. Ana Miranda, ao Sagrado Coração de Jesús.

JUNDIAÍ — D. Celina de Souza Campos, a Frei Galvão.

O SANTO DA SEMANA

JULHO

DIA 27 — VIII Domingo depois de Pentecostes. — São Rodolfo.

DIA 28 — São Nazário. — São Vitor. — Santo Inocência I.

DIA 29 — São Lupo. — São Próspero. — Santa Marta.

DIA 30 — Santo Abdon. — Santa Donatila. — Santa Julita.

DIA 31 — Santo Inácio de Loiola. — São Calimério.

AGOSTO

DIA 1 — 1.^a Sexta-feira. — São Pedro "ad vincula".

DIA 2 — Santo Afonso Maria de Ligório.



**VIVE A FALAR DA
COZINHA DE SUA ESPOSA!**

E seu timbre de voz denuncia orgulho, quando fala dos deliciosos pratos preparados pela esposa. Qual será o segredo? Nenhum: usa MAIZENA DURYEA no preparo dos pratos apetitosos que tanto agradam ao paladar do esposo: substanciosas sopas de creme, legumes enfeitados com salssas, sobremesas deliciosas. E todos esses pratos: com MAIZENA DURYEA, são tão fáceis de preparar! Experimente a nutritiva MAIZENA DURYEA. Peça-a em toda parte.

Verifique o nome DURYEA e o acampamento indio em cada pacote.

36

MAIZENA BRASIL S. A.
CAIXA POSTAL, F. SÃO PAULO

30 Gratis! Remeta-me seu livro "Receitas de Cozinha"

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO



AVE

REVISTA SEMANAL

MARIA

CATOLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua 150\$000
 Ano 10\$000
 Número avulso . . . \$500
 (Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:
 Rua Jaguaribe, 699
 Fone: 5-1304 - Caixa, 615
 OFICINAS: Rua Martim
 Francisco, 646-656

A marcha-a-ré dos cristãos que desertaram pela imprensa

ATRAIDO pela suave e convincente eloquência de Ambrósio, Bispo de Milão, simpatizava com o Cristianismo e com a religião católica o jovem orador Agostinho, professor público de literatura, e por isso panegirista obrigado dos imperadores que frequentemente pou-savam na capital da Itália do Norte, então chamada Galia Cisalpina.

Não acabava comtudo de resolver-se a uma conversão completa; e lançou no entanto suas vistas sôbre as páginas sublimes da Escritura Sagrada, que também foram conquistando mais e mais o seu espírito; assim a palavra viva do Mestre, como as lágrimas da mãe diante dos altares, e a leitura pausada da doutrina de Cristo iam penetrando a mente e o coração do ilustrado e apaixonado professor de eloquência romana.

Ainda, porém, não era chegada a hora da submissão do espírito aos dogmas sublimes da religião: a conselho de um amigo encaminhou a sua idéia pós novas leituras, mas felizmente e para o estado do seu pensamento ainda pagão, bem escolhidas, como foram os livros dos neoplatônicos que ergueram o seu pensamento do materialismo epicurista e das incertezas da Nova Academia para as alturas da contemplação subtil e metafísica da misteriosa Divindade; e nesse nível tão elevado achou-se melhor disposto à aceitação integral dos supremos dogmas de Cristo e a desejar com

sinceridade a pureza de vida que exige a moral do cristão: a moral à que não se achava com ânimo de adaptar-se pelos longos anos que lhe podiam restar de prazerosa existência.

Para êsse fim, tão custoso à fraqueza humana, achou poderoso incitamento na leitura mais demorada e meditada das epístolas de São Paulo, assim como na relação ouvida da conversão de outro professor de eloquência em Roma, Mário Vitorino, e que era o tradutor latino das obras dos neoplatônicos. Afirmou-se mais com a descrição, também ouvida de outro amigo, da vida penitente de Sto. Antão, referida no livro sôbre a vida do santo egípcio, por Sto. Atanasio, Bispo de Alexandria.

Ora, o que infelicitava em nossos tempos e desde que ha editores, embora cristãos, mas só com vistas ao lucro industrial, assim como negociantes que só olham aos saldos materiais de seu comércio, é o caminho contrário, a direção e marcha-a-ré dos que um dia na sua primeira comunhão deram o amplexo a Jesús, mas depois como desertores ignóbeis, largam o seu campo, esquecem por toda a vida o seu Benfeitor e Senhor e ainda não poucos pela soberba e vã glória passam a ser os seus inimigos: e a ponte por que passaram, foram também os amigos traiçoeiros, como outros Judas, e os livros e jornais que lhes vieram às mãos e em que pela escrita e pelas gravuras imorais se fomentavam todos os vícios,

lançando seus leitores pela pendente do abismo, lhes escureciam as vistas da fé pelo combate às verdades religiosas, pelas teorias de brilho aparente da vã filosofia, pelas falsidades históricas, pelas hipóteses ainda não apuradas e mal estudadas da ciência moderna, e pela deturpação das verdades religiosas com as cavilações heréticas, ou simplesmente por insinuações malévolas, ou por pilhérias que nada tem de subsistente, mas que impressionam os leitores pouco reflexivos.

A muitos cristãos, tão ingratos e superficiais, só lhes agradam a literatura e as declamações teatrais do campo inimigo, enlevados pela prosa leve, pelas situações variadas e pelas frases maliciosas e ditos encantadores que, como mel delicioso, misturam e entremeiam com as doutrinas perversas e os quadros imorais.

Por isso, a causa evidente da prosperidade costumeira da imprensa indesejável são êsses católicos, fracos na fé e pouco dedicados à prática da religião: olham com preferência o que mais se acomoda com as suas paixões, sem terem em conta os brados e as reclamações da consciência, não querendo reagir com a nobre repulsa e não sabendo refutar os erros pela falta de instrução religiosa completa, pois apenas folhearam e decoraram sem ponderação o seu catecismo, não procurando os livros competentes para suprir essa falha e menos ainda se importando com os autores apologistas que rebatem, a pé firme, os falsos argumentos dos escritores anti-religiosos.

Os jornais e os livros que mostram seriedade e ciência religiosa, ou que pelo menos demonstram em todas as suas páginas a lealdade obrigada com a religião, os cansam e enfastiam e procuram o falso alívio do seu desprazer nessa literatura que com tudo se importa menos com a verdade e a seriedade, contanto que venha agradar aos seus anseios de curiosidade malsã, da curiosidade de Eva, querendo adquirir a ciência do mal mais que a do bem, e querendo achar nas páginas, e colunas intoxicadas o repasto das suas concupiscências.

Os próprios jornalistas e colaboradores da imprensa não católica foram também geralmente cristãos batizados, adoraram a Cristo nos altares e talvez algum dia receberam contritos e fervorosos, no tempo da infância ou da adolescência, os sacramentos da confissão e da comunhão: e, todavia, apostataram da fé ou da práti-

ca religiosa, como muitos outros da mesma profissão que nunca receberam instrução religiosa; mas foi a leitura frequente da má imprensa que primeiro criou neles a descrença ou o completo abandono da religião, associando-se logo à campanha proposital ou pelo menos inconciente contra a Igreja, fazendo passar muitos dos seus leitores pelas etapas sucessivas, longas ou apressuradas da frieza com a religião, do abandono, do menosprezo, da incredulidade e até por vezes do ódio encarniçado, porque a moral religiosa se opõe aos seus anhelos, incompatíveis com essa honestidade cristã que em todos os seus aspectos propaga e defende a imprensa católica, essa imprensa que os havia de encaminhar e salvar, e que eles odeiam ou pelo menos acumulam de injustos escárneos ou de imerecidos desprezos.

P. Luis Salamero, C. M. F.

De quem é a culpa?

Conta o Padre Leopoldo Artofer, Capelão de uma penitenciária na Alemanha, o seguinte fato:

A doutora Erna G. estava escrevendo um livro com o título: "Educai vossos filhos!". Nele tinha reunido tudo que encontrou nos inimigos da religião, em Rousseau, Schopenhauer, etc. Enquanto escrevia, entrou um menino, seu filho. Diz-lhe ela, com voz colérica:

— Kurt, estou cansada de proibir-te que andes com meninos beatos, como êste nosso vizinho Francisco, e ontem foste novamente com êle à Missa. Não ponhas mais os pés na igreja! Nós não temos religião; tu, meu filho único, deves ser como eu, para seres livre e feliz!

— Feliz, mamãe? — perguntou o menino.

— Sim, vai lendo os livros que te dou e verás! Passaram-se 10 anos. Padre Leopoldo, indo um dia à prisão, encontrou um novo inquilino, Kurt, que tinha estrangulado a própria mãe, porque ela não quis ou não pôde mais fornecer-lhe dinheiro.

O Padre perguntou-lhe:

— O sr. é católico?

— Não tenho religião!

— É formado?

— Sim, fiz meus estudos.

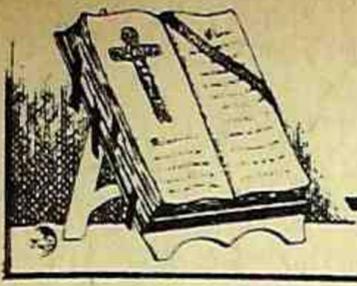
— E, contudo, cometeu tão grande crime? Não está arrependido?

— Não quero engana-lo: não posso arrepender-me.

— Mas aquela que matou era sua mãe, a quem deve tudo!

— Mãe?! Nunca tive mãe; a mulher a quem V. Rvma. se refere nada me deu para a alma. Apenas deu-me de comer.

O Capelão retirou-se horrorizado.



Lições Evangelicas

VIII DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

ESTAMOS a caminho da eternidade e o tempo que passa, com seus momentos fugazes, cada dia nos aproxima mais e mais do fim da nossa existência.

Durante este continuo caminhar, temos a cargo o aperfeiçoamento da nossa personalidade por meio do uso correto das nossas faculdades, enriquecidas com os dons de Deus.

Quantas vezes, entretanto, esses dons maravilhosos com que saímos adornados da mão do Criador, se tornam em instrumentos para a ofensa dessa mesma majestade infinita!

A flor abre seu cálice e distende suas pétalas de côres mimosas, deixando evolvar, em suavíssimos odores, o seu preito de louvor ao Criador de tantas harmônias de côr e perfume.

O pássaro, de asas pintalgadas de colorido variegado, eleva com sua voz canora em maviosa melôdia um canto de agradecimento ao Doador dos seus peregrinos encantos.

A mesma natureza bruta canta a glória do Artífice supremo com a mole granítica das suas montanhas, a fereza das tempestades, a brandura do zéfiro, a imensidade dos mares, a profundidade dos céus.

Só uma voz, tantas e tantas vezes discorada na polifonia dos louvores da criação ao Criador: a voz da mais dotada de todas as suas criaturas, a que brilha entre todas pelas potências espirituais, pelo entendimento e pela vontade!

É livre o homem, e por isso prostra-se voluntariamente em preito de reverência e adoração, levado pelo impulso do seu reconhecimento, aos pés do seu Autor.

É livre o homem, e, desorientado, pervertido pela falsa concepção do universo, delinea quadros de ingratidão, quadros de esquecimento, quadros de ofensa à majestade de Deus tres vezes santo.

O momento histórico que atravessamos está a demonstrá-lo.

A sociedade moderna, inebriada com as conquistas da sua sabedoria ao desvendar novos mistérios da natureza, despreza o Criador.

O progresso das ciências físicas e naturais atingiu um alto grau de perfeição, e o homem, enfatuado do seu saber, dos seus progressos esquece-se de Deus e atira-se a uma filosofia materialista, quando não a um epicurismo desenfreado e degradante.

Na sua sêde de prazer, vai beber a largos haustos a imoralidade que jorra a flux dos teatros, do cinema, da arte e da literatura.

Porém, o castigo divino não se faz esperar.

A sociedade presta contas do seu desvario e lava em ondas de sangue as manchas dos seus crimes.

Como a sociedade, também o individuo será chamado à prestação de contas.

Todos os seus atos serão pezados na balança fiel da justiça divina.

O uso da liberdade será examinado em

todas as suas minúcias, e o castigo ou o prêmio humilhará a uns e exaltará a outros.

O Evangelho dêste domingo vem lembrar-nos, sob a forma de uma parábola, o dia inexorável do juízo, e vem ensinar-nos como empregar os divinos dons para a conquista do céu.

Vale-se, para isso, da consideração da habilidade de um administrador mundano em buscar as garantias de uma vida cômoda e regalada, sendo prudente até ao extremo no interesse do seu bem-estar temporal.

Jesús faz ressaltar nesta parábola a prudência do mundo e quer que os seus discípulos aprendam a ser solícitos pela sua salvação eterna.

Vejamos a parábola, na expressão simples de São Lucas: "Naquele tempo, disse Jesús a seus discípulos esta parábola: Havia um homem rico, o qual tinha um mordomo, e este foi perante ele acusado de ter dissipado os seus bens. E ele chamou-o e lhe disse: Que é isto que ouço de ti? Dá contas da tua administração, porque não mais poderás ser meu feitor. Então o feitor disse consigo: Que farei, visto que o meu senhor me tira a administração? Cavar não posso, de mendigar tenho vergonha. Sei o que hei de fazer, para que, quando for removido da administração, haja quem me receba em sua casa. Tendo chamado a cada um dos devedores do seu amo, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor? E ele respondeu: Cem cados de azeite. E disse-lhe. Toma a tua obrigação, senta-te depressa e escreve cincoenta. Depois disse a outro: E tu, quanto deves? E ele respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe o feitor: Toma as tuas letras e escreve oitenta. E o senhor louvou aquele mordomo injusto, por ter procedido prudentemente; porque os filhos dêste século são mais hábeis na sua geração que os filhos da luz. E eu vos digo: Grangeai amigos com as riquezas da iniquidade, para que quando vos faltar, vos recebam nos tabernáculos eternos".

P. JESÚS MOURE, C. M. F.

* Um dos melhores elementos do bom êxito é crêr, desde a infância, que virá o melhor e não o pior; que não somos pobres e miseráveis criaturas algemadas pelos inimigos da nossa alegria e da nossa felicidade, mas sim que fomos criados para sermos felizes, para vivermos livres de cuidados, mortificadores de receios e pressentimentos lúgubres; que não fomos formados para nos atormentarmos com o aspecto de quadros sombrios, mas para criarmos as mais belas e luminosas idealizações.

Meu Cantinho

A VONTADE DE DEUS

ORAÇÃO NECESSÁRIA

A melhor de todas as orações é o Padre Nosso. Aprendemos bem isto no catecismo. E do Padre Nosso o melhor é aquele — *Fiat voluntas tua sicut in caelo et in terra* — Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.

Fazer a vontade de Deus é perfeição, é santidade. Disse Nosso Senhor no Evangelho: *Não são os que dizem Senhor, Senhor os que não entram no reino dos céus, mas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.*

Aceitar a vontade de Deus. Conformar nossa vontade à vontade de Deus. Isto é ser santo. Nisto só consiste o verdadeiro amor de Deus.

Ser santo não é fazer milagres nem realizar prodígios de apostolado, ter carismos e dons extraordinários do céu. Ser santo é fazer a pura vontade de Deus em todas as cousas. Podem se santificar o rei no seu trono, o monge no seu convento, a cosinheira no seu fogão, o pobre no seu tugúrio, o rico no seu palácio. Basta que na dor como na alegria, na desgraça como na ventura e no exato cumprimento dos seus deveres todos saibam fazer a vontade de Deus: *Faça-se a vossa vontade!*

VONTADE DE DEUS E NOSSA VONTADE

Todo nosso mal vem de que em tudo queremos que prevaleça a nossa vontade. Em nossa ignorância queremos dispor de nossa sorte, de nossa vida.

Quando as cousas vão bem, quando tudo corre às mil maravilhas e aos caprichos de nossa vontade, e até de nossa fantasia, oh! que paz e que felicidade! É bom fazer a vontade de Deus. Não custa rezar no Padre Nosso: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu". Porém, ai! vem a dor, chegam os revezes e calamidades. Nem tudo corre à nossa vontade. E então... como custa fazer a vontade de Deus!

Fazer a vontade de Deus quando Deus faz a nossa vontade, disse São Francisco de Salles, é fácil e doce. Não custa. Fazer porém a vontade de Deus contra a nossa vontade, aí está o difícil, e por isto mesmo o que ha de mais heróico e meritório.

Seja o que Deus quizer! Esta palavra tão doce tranquiliza o coração agitado, consola, enche de coragem. Deus só quer e só pode querer o bem. Portanto, o que Ele fizer é o melhor.

Muita vez nos achamos em face do mistério insondável dos designios do Eterno. Tenhamos fé. Curvemos a cabeça. Os pensamentos de Deus não são os nossos. Deus sabe o que faz!

EXEMPLOS

Os santos viveram da vontade de Deus. E só por isto mesmo se tornaram santos.

O santo não é santo porque fez ou porque faz milagres, mas porque fez a vontade de Deus *heroicamente* neste mundo.

Nos Processos de beatificação e de canonição se julgam de preferência as virtudes praticadas em *grau heróico*, isto é, o cumprimento *heróico* da vontade de Deus.

Santa Teresa dizia: *Eu só tenho uma vontade: a vontade de Deus. Quero só o que Deus quer e nisto encontro minha alegria.*

São Vicente de Paula não emprendia obra alguma sem se recolher diante de Deus e perguntar: *Senhor, que quereis que eu faça?*

Aconselhava êle que em tudo tivéssemos o cuidado de *seguir docemente a mão da Providência.*

Perguntaram a São Macário como se devia orar.

— Não é preciso muita palavra, responde o santo, basta dizer muitas vezes: *Seja feita a vossa vontade, ó meu Deus!*

E por isto é que Santa Gertrudes repetia centenas de vezes na doença e nas tristezas como nas alegrias: *Seja feita a vossa vontade!*

Em toda nossa vida, sigamos o lema do melifluo São Francisco de Sales:

- *Seja o que Deus quizer!*
 - *Seja como Deus quizer!*
 - *Seja quando Deus quizer!*
 - *Seja até quando Ele quizer!*
- Que doçura e que paz neste lema!

A LIÇÃO DE TAULÉRO

Tauléro foi dos escritores eclesiásticos mais famosos do seu tempo. Grande doutor, homem de muita virtude e muito saber. Prêgador famoso de Colônia.

Um dia, rogou êle a Deus:

— Senhor, eu quero saber qual o melhor meio de vos servir!

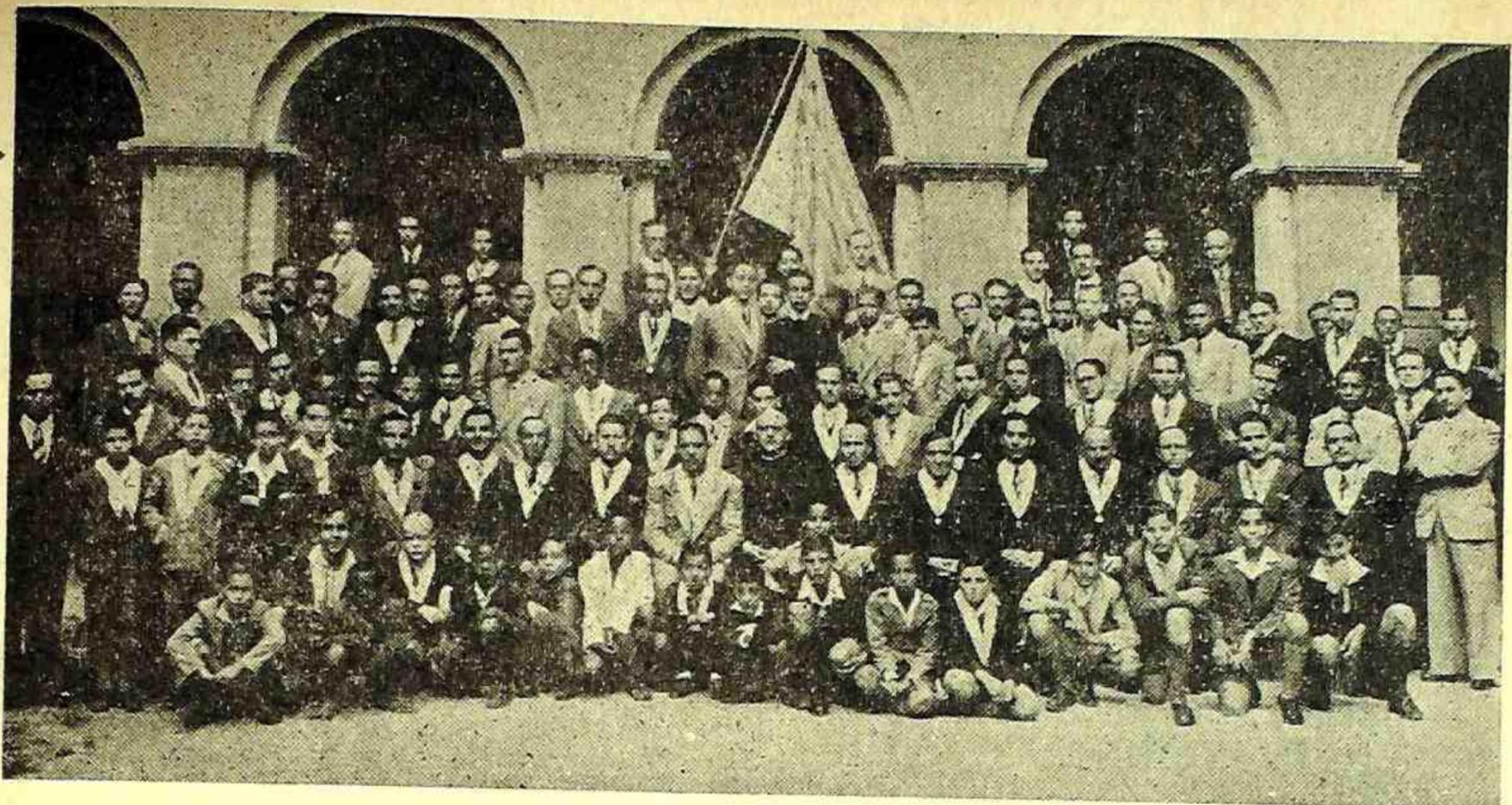
A porta da igreja encontra um mendigo, sentado nos degraus do pórtico. Um pobre chagado, sem um braço, perna quebrada, uma enorme ferida a lhe roer a cabeça.

— Bom dia, meu amigo, lhe diz amavel Tauléro.

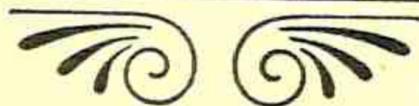
— Obrigado, meu senhor, mas eu não tenho mau dia. Todos os meus dias são bons.

— Bons?! E você é feliz assim?

— Muito feliz! Desde a minha infância aprendi que Deus é bom e justo. Digo então sempre: Nada me acontece sem a permissão de Deus. Si Ele me envia a doença, recebo-a em desconto dos meus pecados. Si me dá saúde, alegro-me com Deus. Si não me dá que comer, faço um jejum pelos meus pecados. Choro e rio; sofro e me alegro, tudo como Deus



SÃO PAULO — Os Congregados Marianos do Santuário do Imaculado Coração de Maria, com o seu Diretor, Rvmo. P. Crescêncio Iruarrizaga, C. M. F., e o Presidente, Sr. Anselmo Garcia, no sétimo aniversário de sua fundação.



quer, como Deus permite. O que Ele quer eu quero. E nunca sou desgraçado. Vivo sempre feliz. Todos os meus dias são bons. Posso dizer feliz: *bom dia! bom dia!*

Tauléro, chorando, se retirou comovido. Estava ali a grande lição — aprendera o melhor meio de servir a Deus dos lábios de um mendigo!

DEUS SABE O QUE FAZ!

Enfim, aprendamos sempre a fazer em tudo a vontade de Deus!

Deus sabe o que faz!

Desejemos, pois, que só se cumpra em nós a sua santíssima e adorável vontade.

É nosso interesse, é nosso bem. Não queremos se faça a nossa vontade. Esta vive nas trevas, é pobre, fraca e nos engana muita vez. Aquela, a vontade de Deus, é sempre bela, amável e santa.

Devemos ter medo de não fazer a vontade de Deus!

Si soubessemos, escreveu Mons. Gay, os designios de Deus sobre nós, o que Ele quer de nós, o que espera de nós, e quanto seríamos felizes fazendo a vontade divina, só teríamos nos lábios esta prece: Faça-se a vossa vontade, ó meu Deus! Só a vossa vontade e não a minha!

Não tenhamos receio, aconteça o que acontecer em nossa vida. Aceitemos o que Deus nos manda. Ele é bom e é Pai! Não pode querer o mal. Tudo que Deus faz é bom, é santo!

Seja sempre feita a vontade de Deus!

P. Ascânio Brandão

Noivas

Ei-las graciosas e lindas no seu vestido branco, envoltas no véu imaculado e puro. A cena é sempre a mesma e a noiva de hoje assemelha-se à noiva de ontem e assemelhar-se-á à noiva de amanhã. Exteriormente não haverá diferença alguma a não ser no corte da *toilette*, no pôr artístico e gracioso do véu, no ramo de flores, pois as rosas exuberantes de vida e perfume foram substituídas pelos "jarros" cuja beleza hirta e fria parece nada segredar, nem dizer a um coração.

Isto exteriormente. E interiormente? Nessa parte superior do nosso ser o nosso espírito, êsse, algo sofreu de modificações.

A noiva de hoje não pensa nem sente como pensava e sentia a noiva de ontem. Divergem completamente. A sua mentalidade é diferente. Os ideais trocaram-se. Não são os mesmos. Os horizontes em *tempos de antanho* podiam ser mais limitados mas eram mais completos. Hoje abrem-se outros horizontes e são eles tão largos, tão largos, que parece não terem fim. Não ha barreira que se não ultrapasse e a finalidade que devia orientar uma vida desapareceu, afim de dar lugar apenas ao meio.

A noiva de ontem levava algo de grandiosidade no seu coração. Levava-o cheio de desejos e a idéia de gozar a vida fazendo do casamento um meio nem sequer ao de leve a florara o seu espírito. A sua dignidade não se maculara com o pensamento da destruição. Não. Ia para a vida querendo dar a vida à custa da própria vida, se assim lhe fosse exi-

gido, na grandiosa missão que o casamento lhe trazia: a maternidade!

Ser-lhe-ia exigido o sacrifício, mas ela dá-lo-ia de boa vontade, pois o sacrifício é a prova real do amor, e ao transpor o limiar dessa nova fase da sua existência, ela curvava-se diante dos pesados encargos e dos deveres onerosos que ela lhe trazia.

Seria uma heróica obscura caída no campo da honra, mas para ter a força de atingir esse grau de heroísmo, tanto mais sublime quanto mais oculto, ela levava o seu coração cheio de amor puro e santo. Sem esse dinamismo poderoso o seu ideal ficaria por realizar.

Era um sonho lindo, uma aspiração digna que ela só pedia a Deus o tempo preciso para a tornar uma viva realidade. No seu olhar luminoso e puro lia-se um misto de anseio e de felicidade. O amor vivido à custa do sacrifício torná-la-ia feliz.

Assim se fundava um lar, se dava começo a uma vida entre esperanças e desejos.

* * *

Hoje é diferente. A palavra sacrifício está perfeitamente deslocada nesta época de prazer e sensualidade. Para quantos não seria incompreendido o querer viver a vida assim?!... O coração palpita de maneira diferente e as pulsações mais agitadas são aquelas em que vai a vibração do gozo e do prazer. A noiva de hoje, com o seu olhar glacial e cortante como espada de fino gume, perscruta esse futuro que se vai abrir diante dela. Quanta soma de prazer e de gozo vai ele trazer? Calcula e depois decide-se. A que salvaguarda sobrenatural vai ela entregar a guarda desse amor, se assim se pode profanar esse nome usando-o para classificar essa paixão de momento e da qual ela quer livremente satisfazer os seus apetites? Quantas almas unidas simplesmente na camaradagem do prazer ao fim de pouco tempo se sentem completamente divorciadas? Sôsinhas vida fóra o que farão?

A sua vida será mais tarde um montão de ruínas. A fecundidade não se produziu, a vida não se transmitiu.

E por que? Seria preciso a renúncia, seria preciso o sacrifício, seria preciso grandeza e... nada disso houve... Simplesmente em troca houve agitação, houve loucura e... houve a morte...

É triste, mas é verdadeiro...

* * *

Por Deus que ha exceção nas *noivas de hoje* que se assemelham às *noivas de ontem*.

Ilumina-as o mesmo ideal que não foi atraído.

Maria de Jesús R.

* A um relógio de pulso ou de bolso deve dar-se corda, de preferência, à noite, porque durante o dia anda conosco e conserva um pouco o calor do corpo. Enquanto que, pela manhã, o maquinismo está resfriado e humedecido com o ar da noite e as molas, portanto, podem quebrar-se mais facilmente. Deve-se ter cuidado, também, em não colocar nunca o relógio sobre a pedra de qualquer movel.

BIBLIOGRAFIA

A VERDADE IMPERA. — Francisco Salvi. Campinas, 1941. — Tipografia Cupolo. Rua do Seminário, 187. São Paulo.

Esta é outra obra de Francisco Salvi, de cento e uma páginas, escrita mais para o povo simples, "não acostumado a lêr páginas violentas da vida". Nela, o autor fala sobre a criação e definição do homem, a moral do homem, o corpo e a alma humana etc.

No começo, está o retrato do autor, encontrando-se, no meio da obra, quatro estampas de santos.

À venda nas livrarias.

SAUDAÇÃO AOS MARIANOS. — P. Newton Pimenta, S. V. D. — Ginásio Arnaldo. Belo Horizonte.

Marianos! Quereis ter vinte minutos de sãdia e proveitosa leitura? Devassai com os olhos e mais ainda com o coração as páginas do opúsculo do Rvmo. P. Newton Pimenta. O seu verbo alí se reveste dos caracteres próprios de uma saudação: eloquência, ardor, unção.

E que fina psicologia revela o autor ao sintetizar os conselhos, fazendo-os lembranças: Amor a Jesús e a Maria!...

Efetivamente. Todo o verdadeiro Mariano é um pêndulo que sempre deve oscilar entre os poderosos imãs, que são o Coração Eucarístico de Jesús e o Coração Imaculado de Maria.

Feliz idéia teve, pois, o autor em recomendar tão preciosas devoções.

Nossos defuntos

FALECERAM, NA PAZ DO SENHOR.

em:

SÃO PAULO — No dia 16 do corrente, Festa de Nossa Senhora do Carmo, confortada com os Santos Sacramentos, a piedosa Senhora D. Altina Mattos. O conjunto admirável de virtudes que ornavam a alma da extinta, a tornou querida de quantos a conheceram. Esposa modelar e mãe extremosa, já Deus lhe terá dado a recompensa a que se tornou credora com os seus merecimentos.

SÃO PAULO — Na idade avançada de 92 anos, o Sr. Antônio Augusto de Oliveira Mattos. Homem de profundas convicções religiosas, soube incutir no coração dos seus os mesmos sentimentos que lhe animavam a alma. Recebeu o conforto de todos os auxílios espirituais da Santa Igreja.

SANTA MARIA — D. Maria de Moura Gouvêa.

ITAPETININGA — D. Vicensa Pascale.

SOBRAGÍ — D. Rita Pereira.

AREADO — Sr. Francisco Patrocínio.

CAMPINAS — D. Teresa. — D. Maria B. — Sr. Pedro.

SANTOS — D. Emília.

Às exmas. famílias enlutadas, nossos pêsames.

Esta Administração mandou celebrar os sufrágios a que tinham direito.

Musa no ar

Vou subindo, vou subindo — pelos ares rarecidos,
Qual monarca no seu trono — como Rei da Criação;
Meus anhelos soberanos — meus desejos incontidos
São voar pelo Infinito — dominar a vastidão.
Já diviso lá nos longes — uma nuvem pardacenta
Como em alma candorosa — impúdica tentação...
E me lanço sôbre ela — nos fragores da tormenta,
E a venço e a domino — mergulhando no clarão!
As estâncias e coxilhas — as lagoas e povoados
Me parecem riscos leves — de finissimo clairão;
E me acenam as montanhas — e me adoram os gramados
Como a Deus Onipotente — como Altíssimo Sultão!
Vou voando nos espaços — infinitos, siderais,
Com a pose, com o garbo — dum senhor no seu trotão,
E a terra me parece — com seus campos florestais
Um macio acolchoado — um listrado almofadão:
Em carreira sem medida — já me perco no Infinito
E me esqueço já dos homens — das cidades e do chão...
Neste instante dou um brado — sólto um grito:

— Dom Pedrito!

Aterriza meu avião!

P. BENEDITO RODRIGUES, C.M.F.

(Especial para a
"AVE MARIA")

Junho, 1941.

Quantos Padres existem nas diversas nações

Que o Brasil ocupe o último lugar entre todas as Nações quanto ao número de Sacerdotes, é realidade que muitas vezes não se considera com a devida ponderação.

Falem os números, as estatísticas, reveladoras serenas desta penúria espantosa de Clero na nossa amada Terra de Santa Cruz:

A Holanda, para 3.000.000 de católicos, possui 7.300 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 410 católicos.

O Canadá, para 4.500.000 católicos, possui 9.000 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 500 católicos.

A Bélgica, para 8.200.000 católicos, possui 14.000 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 585 católicos.

A Itália, para 41.500.000 católicos, possui 62.000 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 660 católicos.

Os Estados Unidos, para 20.775.000 católi-

cos, possui 31.200 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 660 católicos.

A Alemanha, para 21.500.000 católicos, possui 25.700 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 837 católicos.

A França, para 41.242.000 católicos, possui 47.015 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 877 católicos.

A Inglaterra, para 3.000.000 de católicos, possui 3.340 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 900 católicos.

A Irlanda, para 3.350.000 católicos, possui 3.622 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 925 católicos.

A Índia, para 3.100.000 católicos, possui 3.153 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 980 católicos.

O Congo Belga, para 1.000.000 de católicos, possui 671 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 1.488 católicos.

A Polônia, para 34.000.000 de católicos, possui 14.000 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 2.125 católicos.

O Brasil, para 50.000.000 de católicos, possui 5.000 Sacerdotes — 1 Sacerdote para 10.000 católicos.

P. R. de Faria, S. J.



Antes e depois

⑧ Zéca da Horta, açoriano valente na enxada, é tido por filósofo, devido ao seu modo original de encarar as cousas, boas e más. Com certeza se não fôra filósofo não ajustaria casamento com a Isabel das Rosas, açoriana também, que não punha sôbre a língua o boi, aconselhado pelos moralistas, qual remedio à tagarelice.

Como foi, como não foi, certo é que, num sábadó, todos esperavam na sacristia pela chegada do noivo, que se fazia esperar demais.

Os pais riam amarelo. A desposada ficava enfiada. As testemunhas resmungavam. Os convidados comentavam azedamente o atrazo, porém, todas estas atitudes não influíam sôbre a vinda do "futuro".

A Isabel das Rosas batia fortemente no chão, com o salto alto das botinas brancas. De vez em quando, mordida raivosamente a ponta do véu. E sorrateiramente escoava olhares pela entrada da sacristia, mas nada do "desejado" aparecer!

A comitiva emitia, sôbre a inexplicável tardança, hipóteses que iam do jocoso ao trágico. Este dava como causa um esquecimento, aquele um desastre de bonde. Um rapaz culpava os copos escorropichados e uma moça as inconstâncias do coração masculino. Vários pensavam num arrependimento de última hora e não poucos aventavam uma vingança de rival despeitado.

Cada qual tecia o romance que melhor lhe sabia.

Tantas reflexões não faziam com que o Zéca da Horta assomasse ao limiar da sacristia. Nem sei a que alturas chegaria a nervosidade do cortejo nupcial, se não reboasse, de repente, um grito:

— Lá vem êle!

Efetivamente: correto e fleugmático, surgiu o noivo, comprimido na casaca e martirizado em sapatos novos. Amavel e risonho, derramou, à direita e esquerda, cornucópias de saudações, antes de ir cumprimentar a noiva, que ardia sôbre brasas.

— Bom dia, meu bem!

— Bom dia, ecoa a voz irritada da moça. Então, seu patife, você escolhe esta hora para um papel miserável, que me fez passar pela vergonha de mil suspeitas? Imbecil! Relaxado!

— Vamos! Vamos! Já passou da hora!

A voz do sacerdote, a comitiva formou-se a trouxe-mouxe, sem ordem, e rolou para a igreja como torrente que arrastasse na onda pais, amigos, noivos e testemunhas. Zéca da Horta, empurrado, levado aos trancos, achou-se diante do altar, ao lado da noiva, sem saber como.

Um vinco de estupor cindia-lhe, horizontalmente, a fronte em duas partes. Seus cílios

movimentavam-se nervosamente. Suas narinas palpitavam e freíam. Havia, enfim, todos os sintomas de tempestade psíquica no seu rosto fechado.

O Padre colocou noivos e convidados e, feito o signal da cruz, começou as perguntas, que geralmente determinam o "sim" definitivo.

— O sr. José da Horta casa por seu gosto com a senhorita Isabel das Rosas, aqui presente?

— Não, senhor! rosnou o interpelado.

Foi geral o reboliço. A noiva passou da côr do pimentão maduro à tinta de beringela. Parentes e convidados tossiram, meio engasgados pelo estupor. E as fisionomias tomaram um aspecto sériamente escandalizado. Até o sacerdote, julgando ter ouvido mal, repetiu a pergunta.

— Não, senhor! rangeu o nubente, pela segunda vez, com calma estupefaciente.

— Que é isso? bradou a ex-futura sogra. Está doido? Estas cousas não se fazem.

— É desaforo! apoiaram todos.

— Desaforo, replicou Zéca da Horta, é ser insultado publicamente pela noiva, por causa de pequena demora involuntária. Passem muito bem! Raspo-me daqui!

— Esperem um pouquinho! rogou o Sacerdote. Preciso falar com os interessados, lá na sacristia.

Arrastando atrás de si o casal, o Vigário deixou o altar. Houve um conciliabulo de quinze minutos, que pareceram um século à comitiva, receiosa de perder as delícias gastronômicas do *lanche* e os prazeres choreográficos do baile.

Das idéias trocadas entre os tres nada sabemos. Sem dúvida, o Padre foi eloquente, persuasivo. Com certeza, a noiva apresentou desculpas, regadas a lágrimas e pontuadas com soluços. Como quer que seja, o recalcitrante deixou amolecer o coração empedernido. Resultado: um quarto de hora depois, a cerimônia recomeçava, perante os assistentes mais consolados.

O Sacerdote tornou a formular as mesmas interrogações, que conseguiram, do rapaz e da moça, um "sim" enérgico.

E todos voltaram, muito alegres, para a sacristia, onde o sacerdote inscreveu as testemunhas, sôbre o registro paroquial.

Estava escrito, porém, que a tragédia teria mais um ato.

No meio da surpresa geral, a Isabel das Rosas avançou para o marido, a quem lançou à queima-roupa:

— Não ha que dizer: você procedeu como um bruto.

— Está tudo perdido, murmuraram os assistentes. A briga recomeça. E o homem

vai, já e já, deixar esta hárpia. Realmente, a Isabel exagera!

Entretanto, o Zéca mantinha-se risonho. Nenhuma agitação interior se lhe externava na fisionomia. Parecia achar natural a ira da legítima. Nenhuma nuvem de mau humor lhe perturbava a serenidade.

— Como é? perguntou uma testemunha. Antes do ato, você repeliu as insolências da Isabel. Como é que, depois da cerimônia, você nem tuge nem muge, diante da mácriação da consorte?

— O caso mudou, explicou o Zéca.

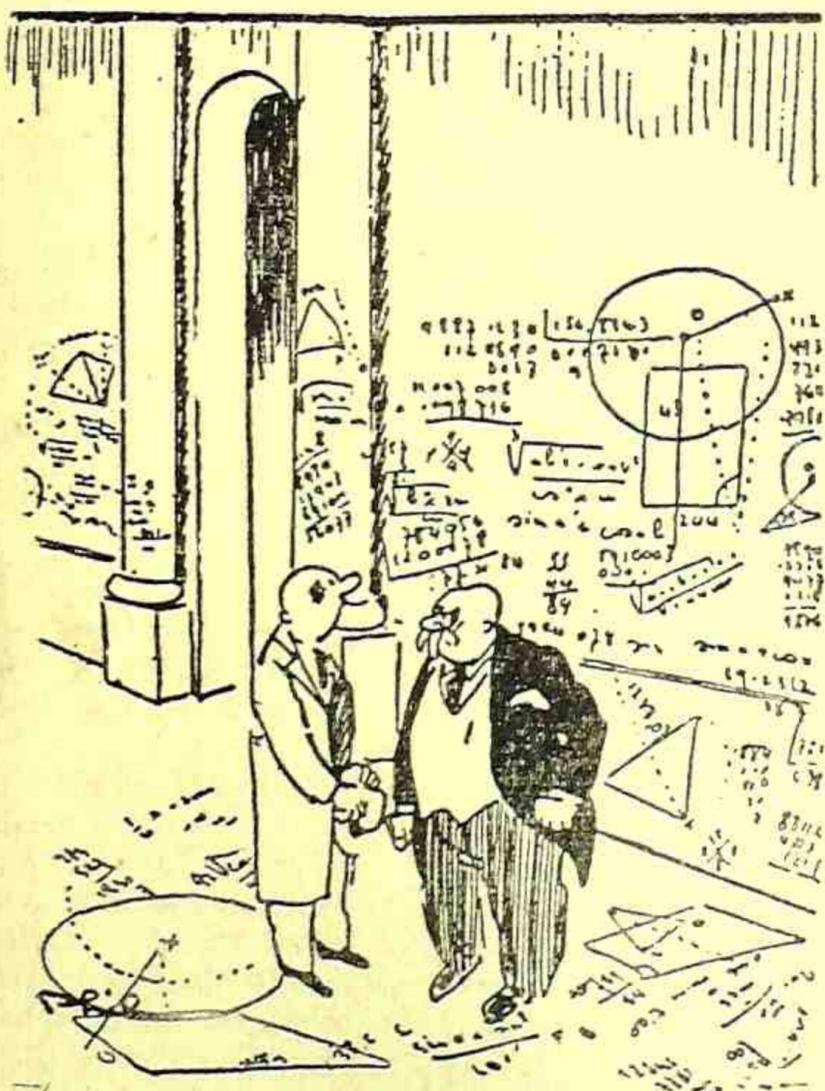
— Mudou? Como? Em que? Onde?

— Mudou, sim! Antes do casamento, a Isabel, sendo minha noiva, não tinha autoridade para me repreender. Com o casamento, ficou minha mulher. E tem o direito de passar-me quantos pitos quiser.

P. Dubois



Leia e... sorria



— Não, senhor: nunca mais quererei como inquilinos professores de matemática!

O reporter: — Mas, qual será a causa que o sr. poderá atribuir à sua tão avançada idade?

O entrevistado: — A um fato apenas: ter nascido em 1838...



— Sr. doutor: estão aí dous mudos que querem consultar V. S.

— Mudos?!... Mas são realmente mudos?

— Assim dizem eles, doutor.

Água de poço

Para que um poço seja bom, do ponto de vista higiênico, é preciso resguardá-lo de todas as causas de contaminação, que são muitas. Por isso, a primeira condição é localizá-lo de tal modo que sejam afastadas de sua vizinhança todas as causas de sujeira, e mais particularmente os despejos da casa, que por motivos compreensíveis não fica muito distante do poço.

Não deve haver depósitos de lixo e de outras imundícies, particularmente de excrementos humanos (fossas) ou de animais, dentro de um raio de 50 metros do poço.

É preciso estabelecer ao redor da abertura do poço uma área impermeável, por exemplo, revestida de cimento, com declive para fora, de modo a afastar da vizinhança do poço as águas usadas ou de enxurradas, que carregam detritos e imundícies dos arredores.

O bebedouro para os animais ou o tanque para lavar roupa não deve ser construído, como acontece frequentemente, muito junto do poço, para evitar que se forme lama ao seu redor, misturando-se urina dos animais com a água de lavagem.

Sempre que possível, a água deve ser retirada por meio de bomba, pois isso permite manter o poço permanentemente fechado, ao contrário do balde, que facilita grandemente a poluição das águas.

E. Cruveilhier

UM CONTO INDÍGENA

ESPERTEZA DE RAPOSA

A onça disse:

— Vou fingir de morta: os bichos vêm ver si é certo; a raposa também virá e então eu a pego.

Todos os bichos souberam que a onça morrera; foram vê-la; entraram na cova e diziam:

— A onça morreu!!! Graças sejam dadas a Tupan! Já podemos passear!

A raposa chegou mas não entrou. Perguntou de fóra:

— Ela já suspirou?

Eles responderam:

— Não.

A raposa disse:

— O defunto meu avô, quando morreu, suspirou tres vezes.

A onça ouviu e suspirou tres vezes.

A raposa riu-se e disse:

— Quem é que já viu alguém suspirar depois de morto?

Fugiu. E é por isso que, até hoje, a onça não a pode agarrar, por ser a raposa muito ladina...



MERECEM DESTACAR-SE alguns trechos da oração proferida pelo Professor Hélio Damante, sobre o tema: "O sentido cívico do IV Congresso Eucarístico Nacional":

"Homens, mulheres e crianças de todas as classes, de todas as posições sociais, ricos e pobres, governantes e governados, patrões e operários, todos enfim que têm a nivelá-los na comunhão social a soberana fraternidade que a fé impõe, estão sendo, nesta hora, chamados para cooperar na consecução do brilhante êxito que deve revestir o IV Congresso Eucarístico Nacional".

"A Eucaristia é o centro da Igreja Católica, a razão de ser da sua assombrosa vitalidade, o holocausto perene de Deus-Homem por amor dos homens. E essa mesma Igreja que se centraliza, se resume e se eterniza na Eucaristia, tem sido — dêmos graças a Deus! — o centro da vida brasileira".

"São Paulo, pioneiro da nacionalidade, o é também dos Congressos Eucarísticos. Foi efetuando, em 1915, sob a direta inspiração do grande brasileiro D. Duarte Leopoldo e Silva, um Congresso Eucarístico Interdiocesano que São Paulo inaugurou, no país, a prática dos Congressos Eucarísticos, prática que, na frase de Júlio Rodrigues, constantemente é festa cívica e cultural, queiram ou não queiram os inimigos da fé católica e nacional".

DE QUITO. informa o diário "Últimas Notícias" que o Núncio Apostólico visitou o Presidente da República, cumprindo instruções do Vaticano, para comunicar-lhe que o "Sumo Pontífice teria grande satisfação em ver resolvido quanto antes, e pacificamente, o problema pendente com o Perú, dando assim um exemplo cristão para a solução de um conflito entre os dois países, de acôrdo com as tradições católicas que tiveram sempre as nações irmãs".

A informação adianta que o Presidente, Sr. Arroyo del Río, manifestou "a satisfação com que recebia êsse desejo, que traduz os ideais pacifistas de Sua Santidade, e reiterou o propósito de seu Governo de promover uma solução honrosa e justa do problema, satisfazendo assim também os ideais da paz americana".

SEGUNDO CÁLCULOS PRECISOS, desde 1495 antes de Jesús até 1936 depois de Cristo, isto é, aproximadamente 3.500 anos, transcorreram 3.194 anos durante os quais os homens guerrearam entre si, e só 237 em que gozaram de paz.

Por um ano de paz, treze e meio de guerra!

No espaço de tempo acima mencionado, firmaram-se mais de 8,200 tratados de paz.

SEGUNDO NOTÍCIAS DIVULGADAS NA CAPITAL DA BOLÍVIA, os Presidentes desta Nação e do Brasil se encontrarão a 29 do corrente, na localidade fronteiriça do Arroio Concepcion, afim de presidirem às cerimônias de inauguração do primeiro trecho construído das estradas de ferro que deverá ligar a cidade brasileira de Corumbá com a localidade boliviana de Santa Cruz.

SEGUNDO INFORMAÇÕES do "L'Osservatore Romano della Domenica", na capital da Dinamarca acaba de ser entregue ao culto católico a primeira igreja católica, erigida em Copenhague depois de quatro séculos, isto é, depois da proclamação da Reforma Luterana naquela nação.

DESDE A FESTA LITURGICA DE 29 DE JUNHO, o Brasil vem prestando a S. S. Pio XII significativo preito de solidariedade, em comemoração ao "Dia do Papa". Na pessoa do Núncio Apostólico, a Arquidiocese do Rio de Janeiro teve oportunidade de prestar-lhe, ha poucos dias, o seu culto e veneração na sede da Nunciatura.

Os salões do pátio de Botafogo abriram-se para receber a sociedade carioca, especialmente os altos círculos católicos, vendo-se, entre os presentes, Prelados, dignatários eclesiásticos, Clero regular e secular, Magistrados, sodalícios, Professores e demais vultos representativos do laicato católico.

Focalizando o poder e a expressão do trono de São Pedro, falaram Monsenhor Henrique Magalhães, Vigário da Candelária, em nome do Clero, e o Professor Alceu de Amoroso Lima, pelo laicato.

Tendo à frente seu Capelão, Padre Mário Silva, a União Católica dos Guardas Civis, incorporada, apresentou cumprimentos a Monsenhor Aloisi Masella. O Colégio "Regina Cœli" também compareceu, incorporado, tendo ofertado ao Embaixador da Santa Sé um ramallete espiritual de preces, Comunhões e outros atos piedosos em intenção de S. S. o Papa Pio XII.

D. Aloisi Masella agradeceu a homenagem, dando a todos a bênção apostólica.

GRAÇAS À GENEROSIDADE DO DOUTOR F. J. ERDHAUS, de Cincinnati, acaba de ser impressa a primeira tradução da Bíblia em chinês. O trabalho foi realizado na Universidade Católica de Pekim, sob a direção da Congregação do Verbo Divino.

PALAVRAS DE PIO XII ao novo embaixador do Perú junto à Santa Sé: "O Direito Internacional se baseia na soberania de cada Estado e reconhece o princípio da paz assentada na justiça".

"Hoje, a preservação do Direito Internacional contra as tendências egoístas constitui o problema vital para todas as nações, especialmente para aquelas que possuem menores forças. Embora nos dias atuais seja difícil esperar que possam ser respeitados o Direito Internacional, os ideais humanos e cristãos, enquanto domina a violência da guerra, é reconfortante ouvir as vozes autorizadas, as quais predizem que a vitória militar não desprezará os princípios morais".

Por sua vez o Embaixador do Perú declarou: "A política peruana se inspira em sentimentos de fraternidade e solidariedade com outras nações e o respeito do Direito Internacional. O Perú espera que a paz baseada na justiça, pela qual roga incessantemente Sua Santidade, seja lograda".

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

Aventuras do Bastião

(Conclusão)

Bastião nunca vira uma casa mais limpa e assejada do que aquela. Na mesa envernizada, estava um vaso de barro cheio de flores.

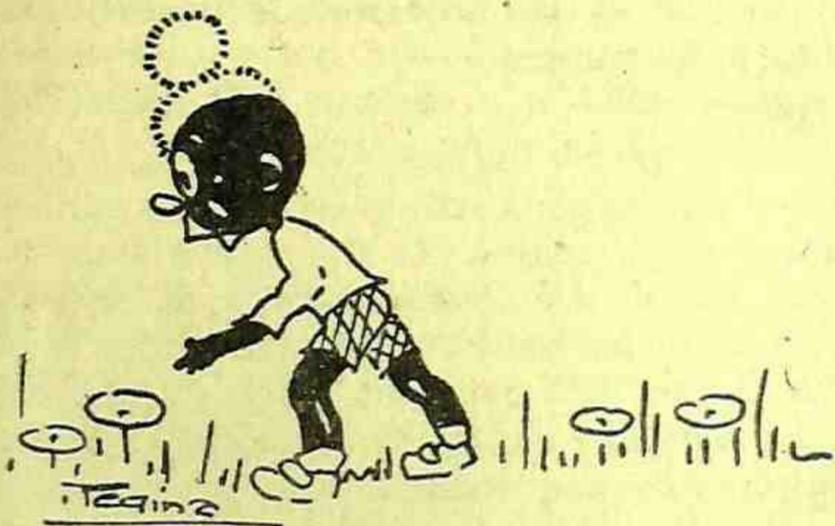
Nos móveis, pequeninos, uma porção de bibelôs, e num canto da sala, um velho relógio, iluminado pelos raios do sol que entrava pelo rendado das cortinas.

— Espere enquanto preparo o café.

Ele arranjou os gravetos e dali a pouco o fogo crepitava. O anãozinho era muito esperto e fazia tudo muito depressa. Minutos depois a água da chaleira de cobre fumegava.

O anão estendeu uma toalha de linho na mesa, arrumou as chicaras, o açucareiro, os tálheres, e trouxe o bule cheio de café cheiroso.

Um aroma apetitoso encheu a casa toda.



Bastião cheirou ruidosamente.

— São as torradinhas que acabei de preparar na grelha, disse o anão, tirando o avental e sentando ao lado de Bastião.

Os dois começaram a comer sem dizer palavra. Tres vezes o pretinho esvasiou a chicara de porcelana, e abocanhou todas as torradinhas que encontrou.

— O senhor me parece ser muito bom... Agora quero ouvir seu conselho.

O anãozinho sorriu. Tirou do bolso seu velho cachimbo de barro e depois disse, pensativo:

— Vamos ao jardim. Quero que você veja minhas flores.

Os dois desceram a escada de pedra.

— Sente-se aqui neste banco.

Bastião obedeceu.

O anãozinho tirou algumas baforadas do seu velho cachimbo, depois disse:

— Você deve perceber que eu, aqui, vivo muito feliz.

— É verdade.

— Muito bem. E sabe você, por acaso, por que é que eu sou tão feliz assim?

— Não.

— Eu me explico: sou muito feliz porque cumpro com as minhas obrigações. Todos os dias me levanto muito cedo e vou lenhar. Trabalho o dia inteiro, e quando volto para minha casa, me sinto sempre satisfeito e feliz. Mais satisfeito e feliz do que se tivesse passado o dia inteiro a vagabundear pelos bosques... Trato das minhas flores, revolvo a terra, planto as sementes, vejo-as brotar e crescer... Não trocaria esta vida pela vida de um rei...

— Então quem não cumpre suas obrigações não pode ser feliz?

— Não.

— Quer dizer que... eu...

— Sim. Você não quer mais ir à escola, nem quer estudar... Pobre rapaz. Acabaram-se os dias felizes da sua vida!

— Não diga?! Por que?

— Porque você entrou no mau caminho. Quer ser um vadio. Quer ter um tesouro sem o merecer...

— Mas, e o tesouro?

O anãozinho sorriu.

— O saber é um tesouro. Um grande tesouro que não nos é possível avaliar seu verdadeiro valor. Para adquiri-lo é preciso estudar. Trabalhar. Veja: até os bichinhos trabalham; a diligente formiga... a abelha... os passarinhos... Eles o fazem por instinto. Nós, por obrigação. Sua obrigação, agora que é pequeno, é estudar. Depois, quando crescer, suas obrigações aumentarão, certamente... E como se arranjará você então, si em criança não soube cumprir seus pequeninos deveres?

Bastião se sentiu envergonhado, mas não teve coragem de dizer uma palavra.

O anão, então, se levantou e disse:

— Já é tarde. É preciso que você vá andando... Adeus. Você tem duas estradas a seguir: a que leva ao país dos vadios e a que leva ao dever. Qual das duas quer seguir?

— Quero voltar para casa, anãozinho, e ser um menino valente, que estuda e obedece! Um menino que cumpre suas obrigações!

E foi assim, arrependido, que o Bastião voltou para casa. E desde então, nunca mais deu ouvidos aos maus companheiros. Fez do anãozinho um seu grande amigo, e sempre que pode atravessa a floresta e vai ouvir seus bons conselhos.

Regina Melillo de Souza

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (1)

Vigário Brandão

Purezinha

A MISSÃO

Pelas quebradas da serra ecoava o hino popular à Virgem:

*"Graças vos damos, Senhora,
Virgem por Deus escolhida
Para mãe do Redentor,
A Senhora Aparecida".*

E a multidão da gente simples e humilde da vila desfilava pelas ruas estreitas e pela estrada, feliz, a rezar e a cantar sob a direção do Padre Missionário.

Era o Missionário querido. Vinha da Aparecida. Ninguém, como êle, sabia organizar as procissões de velas e prègar com tanta singeleza e tanta unção. Veiu depois o sermão, ali à porta da igrejinha, ao luar duma destas noites claras e doces de Abril. A Benção do Santíssimo.

O povo se dispersa, contente.

No *zum-zum-zum* da multidão percebia-se uma vozinha doce:

— Vamo, madrinha... Já é tarde!

E tomando o braço da velha, que ainda cantava o último "*Bendito*", a Purezinha se pôs a caminho.

Uma caboclinha delicada, humilde.

— É bonita como uma santa, diziam todos ali, traduzindo a beleza e a modéstia da menina.

Tão ingênua! Inocentinha! Que bem lhe ficava o nome: — *Purezinha!*

Pela estrada iluminada e no encanto daquela noite, os lírios do vale alvejavam no brejo e à beira do rio.

— Madrinha, a flor que eu mais gosto é aquella... cheirosa e tão branquinha, tão bonita!...

— Ah! minha filha, a donde fica a rosa e o cravo?

— Mas o lírio é mais cheiroso, é mais bonito, madrinha.

— Qual!... Não ha como a rosa... Você acha bonito agora o lírio pra morde o sermão do Missionário, não é?

— De certo! Que bunteza de sermão! O Padre falou, madrinha, que toda moça que fica virgem e pura, é como o lírio. A alma fica mais branca que todos lírios deste mundo. Fica como Nossa Senhora! Eu quero ficar bem pura, madrinha, a vida inteira. Até na morte!

— É muito bonito, sim, minha filha, mas você... carece casar...

— Casar?! Não quero, não.

— Mas o casamento é um Sacramento, menina. Quando se casou a filha do Chico Bento, ainda ouvi muito bem nosso Vigário dizer: — *Um grande Sacramento de Jesus Cristo!*

— É, sim, mas o Padre Missionário também falou que a gente pode ter vocação para casamento e vocação para servir a Nosso Senhor no mundo ou no Convento...

— Uai! como ela está sabida, gente... Mas escuite, minha filha. Não pense em ficar no mundo sem casamento porque você não tem mãe. Seu pai daqui ha pouco se casa. Com madраста, enteada moça não se dá. Comigo você não pode viver toda vida. Eu já não valho mais nada. Muito mal me aguento. Si eu morrer, que será de você, menina? É muito triste moça andar por canto alheio, aí de déo em déo... Só casamento mesmo, minha filha.

Purezinha abaixou a cabeça, triste.

— Mas eu não caso, não, madrinha. Respeito o Sacramento — é um grande Sacramento — mas meu coração não pede, não quero me casar, nunca, nunca...

— Não adianta não querê. É a arrumação da sua vida, menina. O Manecão é louco por você. Rapaz bão, trabalhador, tem seus cobrinhos, já fez uma lavoura que é uma boniteza. A casa está montada. Falta só falar com o seu Vigário e acertá no cartório... Melhor partido você não arranja.

A caboclinha parou assustada. O coração lhe batia forte no peito. Ao luar, seus olhos brilhavam de modo estranho...

— Madrinha do céu! Minha Nossa Senhora! O Manecão?!... Ah! não caso, não caso... Deus me livre! Nem com êle nem com ninguem...

— O que?!... No meu tempo, mocinha deste porte não tinha querer... obedecia, ouviu? O mundo de hoje está virado... Pois você casa com o Manecão porque seu pai quer, eu quero, e é pra sua felicidade, pro socego da família, pra meu socego, ouviu?

— Não caso, não caso...

— Menina malcriada... você nunca foi assim, Purezinha... Que é isto? Cale a boca!

(Continua)

Sirva a carapuça a quem precisar

Polnitz, mestre de cerimônias na corte prussiana, pediu demissão e fez-se católico, para casar-se com uma rica herdeira, que era de religião católica.

O casamento falhou, não sabemos por que. Então, o convertido escreveu ao rei da Prússia, dizendo-lhe que se arrependia de ter abraçado o catolicismo. Desejava ser, outra vez, mestre de cerimônias luterano.

Respondeu o monarca: "Uma vez que não vos destes bem com o romanismo e protestantismo, podereis experimentar o judaísmo".

Hoje em dia não faltam os Polnitz. Aborrecidos com o catolicismo, vão ao biblismo, vão ao espiritismo, à teosofia, ao centro esotérico. E o resultado é infalível: em cada crença fazem figura de Judas.

Mudar de camisa como de religião, ou de religião como de camisa, não inspira confiança.

Diz muito bem o povo: aproveita-se a traição, detesta-se o traidor.

Veza por outra, ouvimos de alguma pessoa que tinha fama de boa católica: — Fulano ou fulana virou espírita!

O espiritismo aceita a viração, mas desconfia do virador.

Estas vira-voltas são o resultado de algum vício oculto que, aos poucos, vai minando a haste de nossas crenças, até que um triste dia esta haste, carcomida internamente, cai de repente, com o jeito de mamoeira velha.



Conselhos úteis

A humidade dos armários depressa desaparece quando no interior são postos saquinhos com cânfora.

Para fazer desaparecer de casa o cheiro de fumo, basta colocar-se no comodo da casa uma esponja dentro de um vaso com água. Esta deve ser renovada constantemente.

Blocos de cal em pequenos vasos com pequena porção de água absorvem a humidade e o mofo de qualquer aposento.

Limão cortado em fatias (a casca inclusive), posto em infusão em água quente, é ótimo para tirar manchas da roupa.

NOVIDADE

MISSIONÁRIA!

Luzes e Chamas

do erúditto PADRE ASTÉRIO PASCOAL, C. M. F., é o livro oportuno e de singular atualidade. É tal o interesse suggestivo das suas páginas, que tomado nas mãos, não se larga mais até terminar a sua leitura.

PREÇO: 5\$000

Pelo correio: 6\$000

Pedidos à

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615

São Paulo

Banco Hipotecário Lar Brasileiro

S. A. DE CRÉDITO REAL

- * Financiamento de construções.
- * Administração de prédios com organização modelar.
- * Depósitos: c/c, 3 %; "limitadas", 5 %; "particulares", 6 %; prazo fixo, 6 e 7 % a. a.

Sucursal de São Paulo:

RUA BOA VISTA, 31 - térreo
(Edifício Sul América)

Ótimos livros:

A LEI DE DEUS

Belíssima coleção de lendas, baseadas nos preceitos do Decálogo

333 páginas de leitura amena para centros de Ação Social

PREÇO: 5\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

DEVOCIONARIOS ESCOLHIDOS PARA OUVIR BEM A SANTA MISSA

AVE MARIA 1\$500
MANÁ DO CRISTÃO . . . 4\$000
DEVOTO JOSEFINO . . . 4\$000
CAMINHO RETO 12\$000
MANUAL DO CRISTÃO
(com letra grande) . . 15\$000
(Pelo correio mais 1\$000)

PARA PRESENTES

com encadernação de todo luxo

ANTE O ALTAR

de 20\$, 22\$, 25\$, 30\$ e 50\$000

Verdadeiro repositório espiritual de pensamentos eucarísticos, próprios para passar fervorosamente uma piedosa Hora Santa.

★

A venda na

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Rua Jaguaribe, 699

Caixa, 615 — São Paulo

Imitação de Cristo

Acaba de sair do prélo a nova edição de ROQUETE, contendo as reflexões depois de cada capítulo.

600 PÁGINAS

BELA ENCADERNAÇÃO

PREÇO: 8\$000

(Pelo correio mais 1\$000)

Pedidos à

ADMINISTRAÇÃO DA
"AVE MARIA"

Caixa, 615

São Paulo

CASA SANTO ANTÔNIO

de HENRIQUE HEINS

LIVRARIA CATÓLICA. — Fábrica de Imagens.
Oficina de paramentos e estandartes.

Grande sortimento de artigos religiosos em geral.
Vendas por atacado e a varejo.

Rua Quintino Bocaiuva, 76-A

São Paulo

Transferência de assinaturas

Pedimos aos srs. assinantes da "AVE MARIA" que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, bem assim como aos que nos enviarem cartas registradas com valor declarado ou vale postal, o obséquo de nos mandar, com toda clareza, as seguintes informações:

- 1) nome por estenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço para onde a Revista deve ser enviada.

VIDROS E VITRAES

Galliano & Comp.

IMPORTADORES

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAES ARTÍSTICOS PARA

RESIDÊNCIAS E IGREJAS

★

RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

S
Ã
O

P
A
U
L
O



O delicioso
creme de
cereaes

ARROZINA

Cria os bebês
robustos

ARROZINA

Dá saúde e
beleza aos
bebês

ARROZINA

Engorda e
nutre os
bebês

— PEÇA AMOSTRA GRATIS A CAIXA POSTAL 847 —

RAMOS. INMA. S. D.
COLLEGIO CORAÇÃO DE MARIA
CHACARA PARAIZO - RIO CLARO